

NOMES PRÓPRIOS: FORMANDO PALAVRAS E IDEIAS O NEOLOGISMO NA ANTROPONÍMIA

Rosane Tesch de Oliveira (UERJ)
rosanetesch@gmail.com

1. Introdução

Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. (ALVES, 1994, p. 6)

Há a ideia de que pessoas de classes menos favorecidas economicamente no Brasil “criam” nomes próprios por desconhecerem as normas gramaticais da língua materna. Em uma pesquisa anterior sobre a criação de nomes próprios no Brasil (TESCH, 2010), contudo, foi possível demonstrar que grande parte destas criações são perfeitamente possíveis na língua portuguesa e que os neologismos ocorrem, sobretudo, pelo processo de composição por aglutinação e por justaposição, como nos exemplos *Mílris* e *Írilton*, formados a partir dos prenomes *Mílton* e *Íris* (*idem*, p. 74 e 75). Quanto à relação entre classe social e criatividade na composição dos nomes o estudo ainda carecia de análise, pois a mesma não foi considerada na coleta de dados.

Neste artigo, o objetivo principal ainda não é apresentar dados comparativos sobre a classe social e a criatividade do falante na formação de antropônimos, o que não invalida o fato de que alguns números da pesquisa atual apontam para esta direção, mas sim buscar respostas para algumas questões como: Que conhecimento formal da língua portuguesa as pessoas que criam/criaram antropônimos têm? Que sentimentos são emprestados a esta criação? Em que proporção o inatismo pode ser considerado no modo de criação deste grupo de falantes?

Para responder a estas e outras perguntas que surgiriam com o andamento da pesquisa foram selecionadas 2 (duas) escolas situadas no bairro de Ipanema, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, a primeira pertencente a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, aqui chamada “Escola A”, e a segunda, uma creche-escola particular, aqui chamada “Escola B”. Sendo assim, o objetivo em destaque neste recorte da pesquisa passou a ser identificar fatores que contribuíram para a escolha de antropônimos

(nomes próprios/prenomes) a partir de dados coletados nestas duas unidades escolares⁵⁶.

A hipótese é de que, quando criados ou escolhidos por um responsável direto pela criança, os prenomes revelam fortes traços de afetividade, acima de outros fatores como influência da mídia, estrangeirismos, moda etc.

Para confirmar ou não esta hipótese o método de pesquisa escolhido foi a coleta e análise dos nomes das crianças matriculadas nas instituições no ano de 2012; aplicação de questionários e entrevistas com os responsáveis (de preferência com o responsável pela escolha do nome da criança); análise quantitativa dos questionários e qualitativa das entrevistas.

2. Algumas considerações

Parte das concepções sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem, quando confrontadas, revelam interessantes caminhos que se cruzam a partir de aplicações de uma ou outra forma de pensamento no universo da criação dos antropônimos. Sobretudo quando os dados são delineados a partir da proposta behaviorista de uma linguagem composta por um conjunto de comportamentos (PAVEAU, 2006) e pela suposição de inatismo que permeia a gramática gerativa (CHOMSKY, 1994).

Ao acreditar que o inatismo vem de uma herança genética própria do ser humano, Chomsky (1994) revela um sujeito que possui uma capacidade para a linguagem e a desenvolve no decorrer do tempo, podendo, portanto, ocorrer o desenvolvimento tanto em crianças como em adultos não alfabetizados. Neste ser biológico proposto pelo gerativismo a existência de uma mente apta ao aprendizado é o que torna este ser criativo e que possibilita a descrição das transformações ocorridas entre o seu saber internalizado das regras (finitas) e a geração de novas palavras ou falas (infinitas).

Já na concepção social, apresentada com maior força no behaviorismo de Skinner (PAVEAU, 2006), o processo de aprendizagem sofre influência do meio e o conhecimento dos sujeitos provém da experiência.

56 Para haver equiparação quanto às idades e, conseqüentemente, situar os nomes em um contexto histórico-social foram efetuados estudos de casos apenas no segmento da educação infantil.

O falante/criador dos prenomes, neste caso, estaria situado entre o estímulo (ambiente) e o reforço (outros falantes), independentemente de ter ou não uma capacidade inata para gerar novos antropônimos.

Criação ou imitação? Será que os estímulos sentidos, a exposição à linguagem, o meio sociocultural não poderiam realmente demonstrar uma evolução natural da linguagem em um ser que está predisposto geneticamente? Até que ponto a criação espontânea é fruto do ambiente ou possui bases inatas? Como se comporta este sujeito criativo exposto a um ambiente, mas que traz em si sentimentos próprios da natureza animal?

Do latim *affectus*, a palavra “afeto” tem por significação tocar, comover o espírito, unir, fixar, ligar, sempre com relação a um sujeito e ao que a ele está relacionado, mas não é exclusivo do ser humano. Afetar também significa uma ação e não apenas um sentimento, aparecendo com uma posição ambivalente, que pode ir de um sentimento de amor a um sentimento extremo de ódio. (NOCENTINI, 2010)

Exemplos de como este sentimento de afetividade pode ser reconhecido em vocábulos na língua portuguesa estão, por exemplo, em processos de formação de palavras com afixos indicadores de diminutivo, tanto no que tange a aspectos positivos quanto negativos (LOURES, 2000). Exemplos que podem ser trazidos para o campo da antroponímia estão em Ros-ita, Teres(z)-inha e Eli-ete.

Ao apresentar estas questões, a ideia aqui é mostrar que quando falamos do social, do cultural, do formal, do informal, o espaço estará sempre aberto para o novo, e a língua faz parte deste contexto, ela não é estática, não é imutável, e mesmo aqueles que ainda hoje querem a rigidez de uma gramática formal e sem aberturas, desconsideram um passado que já rompeu com essa rigidez inúmeras vezes, pois este passado é todo permeado por processos evolutivos das palavras.

Não se pode negar a necessidade de facilitar a pronúncia e agilizar o discurso que impera na linguagem oral. Um discurso que segue, hoje, a velocidade de pensamento e ação que possibilitam as novas tecnologias e que ao mesmo tempo em que é complexificado pela interdisciplinaridade e pela transdisciplinaridade precisa ser ágil, simples e direto.

3. *Do português ao inglês: um pequeno passeio*

“Obsessivos ou não, pais e mães querem crer que é grande a diferença que fazem quanto ao tipo de pessoa que o filho pode se tornar (...)”. Este trecho foi extraído do livro *Freakonomics – O Lado Oculto e Inesperado de Tudo o que nos Afeta*, uma coletânea de estudos do jornalista Stephen J. Dubner e do Economista Steven D. Levitt (2005). Embora polêmico em sua concepção, o livro traz alguns casos que servirão para ilustrar o fenômeno da criatividade linguística, ou de uma de suas variantes, em alguns locais nos Estados Unidos. O capítulo em que aparecem estes casos é intitulado “Pais perfeitos, parte II, ou: uma Roshanda seria tão doce se tivesse outro nome?” Os casos são de “criações” e registros dos nomes Winner e Loser Lane, Temptress e Amcher.

O primeiro caso é de dois irmãos cujo pai decidiu, após o nascimento de vários outros filhos, chamar o penúltimo de Winner (vencedor) e o último de Loser (perdedor). Aparentemente, o primeiro foi chamado de Winner para realmente se tornar um vencedor, conforme desejo e esperança do pai, enquanto ao segundo foi atribuído o nome Loser como uma espécie de brincadeira, embora ninguém saiba ao certo. O fato é que quatro décadas depois Loser Lane aparece formado pela Universidade Lafayette da Pensilvânia e sargento do Departamento de Polícia de Nova York. Winner Lane, ao contrário, soma prisões por assalto e violência doméstica entre outros delitos.

O segundo caso é de uma menina chamada Temptress (provocadora) cujo nome lhe foi atribuído pela mãe por conta de uma jovem atriz que estrelava um programa de televisão, mas que, na verdade, se chamava Tempestt. O nome foi entendido errado pela mãe, que só descobrira o fato mais tarde, assim como o significado do nome Temptress.

Já o terceiro se refere a um rapaz que recebera o nome da primeira coisa que os pais viram ao chegar ao hospital. Amcher representa as iniciais de Albany Medical Center Hospital Emergency Room.

As situações colocadas no texto mostram, em parte, motivações que cercam a escolha de nomes/prenomes e abrem um espaço subjetivo para se pensar acerca do quanto uma destas escolhas pode ou não afetar a vida de um indivíduo. Escolhidos intencionalmente ou ao acaso, não há dúvidas de que o contexto histórico, social ou cultural pode influenciar nestas construções. Mas, que outros fatores compõem esse processo? Vale lembrar que, atualmente, a discussão sobre criações linguísticas no campo da antropônimo está muito mais exposta na mídia e que, na maio-

ria das vezes, a postura assumida é de uma crítica negativa e da tentativa de incorporar o rótulo da “ausência de cultura e/ou conhecimento” como principal motivador destas criações.

4. Etapas da pesquisa

4.1. Coleta de dados para classificação dos prenomes

Inicialmente foram coletados dados para análise e classificação dos prenomes a partir das pautas de presença das escolas. A classificação foi baseada no processo de formação dos vocábulos e suas formas de ampliação de um vocabulário (RIBEIRO, 1996).

A coleta e análise dos prenomes apontaram para os seguintes resultados⁵⁷: 19,5% dos prenomes foram classificados como estrangeirismos (ex.: Will, Wendell, Robert); 3,5% apresenta letras duplicadas (ex.: Annalys, Mirella, Myllena); 19,5% dos prenomes são compostos (ex.: Ágatha Victória, Pedro Henrique, Francisco Rafael); 2,0% tem a grafia modificada (ex.: Derick, Rhyana, Laylla); em 10,5% há o uso das letras *k*, *w* e *y* (ex.: Kelvyn, Karolayne, Aylla); 35,5% representa nomes considerados tradicionais/simples (ex.: Francisca, Gustavo, Samuel); 9,5% pode ser considerado neologismo (ex.: Cleisley, Wicley, Weberson).

4.2. Aplicação do questionário

A aplicação do questionário teve como objetivo buscar respostas para as seguintes informações sobre os responsáveis pelas crianças: nome completo, sexo, idade, profissão, nível de escolaridade, grau de parentesco com a criança, naturalidade (própria e da família), endereço.

Os resultados foram revelados com os seguintes percentuais: 51% do total de responsáveis respondeu ao questionário, sendo: 2,6% de pessoas do sexo masculino (M) e 77,4% de pessoas do sexo feminino (F); 0,7 % possui nível superior, 44% formação no ensino médio, completa ou incompleta, e 41% formação no ensino fundamental, completo ou incompleto; 31,6% declarou ser oriundo de outro estado e 68,4% natural do

57 As ocorrências não são excludentes, podendo aparecer mais de um fenômeno no mesmo nome/prenome. No total, foram classificados 150 (cento e cinquenta nomes/prenomes) na primeira amostragem.

estado do Rio de Janeiro; a faixa etária de quem respondeu ao questionário está entre 18 e 48 anos.

4.3. Entrevistas

Nesta etapa, foram entrevistadas 76 (setenta e seis) pessoas. As entrevistas foram realizadas, sobretudo, com pais, avós ou tios. As perguntas comuns a todos incluíram as seguintes questões:

- a) Quem escolheu o nome da criança? Mais alguém ajudou?
- b) Como foi o processo de escolha?
- d) A criança tem irmãos? Qual a idade e o nome de cada um?
- e) Qual o nome do outro responsável?
- f) Se tivesse outro filho usaria o mesmo processo para a escolha do nome?

5. *Alguns casos para reflexão*

Dentre os nomes/prenomes que permaneceram presentes em todas as etapas da pesquisa, há alguns casos interessantes para reflexão. Vejamos alguns deles:

Paulo César (2 anos) O nome Paulo César foi escolhido pela mãe para combinar com Júlio César, irmão de Paulo que tem a idade de 3 anos. Paulo César tem, ainda, outros dois irmãos chamados Weverton, 10 anos, e Wesley, 9 anos. Aqueles nasceram no Rio de Janeiro e estes nasceram em Brasília, frutos do primeiro casamento da mãe. Neste primeiro casamento o pai escolheu os nomes por conta do sobrinho que se chamava Weberson.

Wendell (2 anos) O prenome Wendell foi escolhido pelo pai para que iniciasse com a mesma letra do seu próprio nome, Washington. Os irmãos do pai de Wendell se chamam Cleisley, 19 anos, Cleide, 38 anos, Cleison, 29 anos, e Cleice, 21 anos, que tem um filho chamado Wicley.

Yuri (2 anos) A madrinha ficou com a incumbência de escolher o nome quando a criança nasceu. Após a realização de 3 exames de Ultrassom que apontavam para o nascimento de uma menina e para a qual a

mãe escolhera o nome Kesley Victória, o nascimento inesperado de um menino fez com que ela deixasse a escolha do nome para a madrinha, que segundo a mesma a criou como filha.

Ágatha (3 anos) A mãe escolheu o nome em homenagem a uma romancista da qual é fã. Ágatha não tem irmãos e a mãe chama-se Canaã⁵⁸, nome extraído da Bíblia e que denominava a região onde, hoje, se encontra o Estado de Israel. O pai da Ágatha chama-se Weverton.

Karolayne (3 anos) A mãe escolheu Kerolayne, mas não lembra como surgiu a ideia do nome, lembra apenas de ter pedido ao marido para incluir as letras *k* e *y* na grafia. No cartório, no entanto, não foi permitido o registro de Kerolayne, sendo dada, supostamente pelo escrevente do cartório, a sugestão de Karolayne, que foi prontamente aceita pelo pai da criança. A mãe também relatou que em conversa com a comadre haviam sido cogitados os nomes Cristal e Pérola, mas foram descartados. Karolayne tem um irmão chamado Kauã.

Myllena (4 anos) O pai (Wellington escolheu o nome em homenagem a uma tia que havia perdido uma filha durante a gravidez. A mãe, Renata, tinha preferência por Mirella. Segundo ela, a escolha se devia a uma personagem de novela da Rede Globo que tinha como principais características ser bonita e de personalidade forte.

Will (2 anos) O pai (Denis) escolheu. Segundo seu relato, ele lia e escrevia nomes até que optou por Will, antes mesmo da gravidez da esposa.

Brenda (2 anos) A mãe (Andressa) escolheu o nome Brenda quando tinha 12 anos de idade, atualmente ela está com 18. A mãe não lembra de onde ouviu o nome, lembra apenas que a outra opção seria Kauany, que acabou ficando para a irmã, que nasceu antes. Brenda tem um irmão chamado Bruno, mesmo nome do pai.

Samuel Edvis (2 anos) A mãe (Silvania) escolheu um nome bíblico que começasse com *s*, como o seu. O segundo nome, Edvis, foi escolhida do avô e é também o segundo nome do pai e de um irmão, Miguel. Samuel tem outro irmão chamado Enzo, que não possui o nome Edvis. As escolhas Miguel e Enzo foram pensadas em função de seus significados, anjo e príncipe, respectivamente.

58 Aqui o nome apresenta duas grafias conjuntamente, Canaã e Canaan.

Kauê (3 anos) O prenome Kauê foi uma escolha do pai para combinar com o nome da irmã da criança, Kauany.

Thauã (3 anos) O nome Thauã foi escolhido pelo irmão João Paulo, de 7 anos. Segundo a mãe, o outro irmão, João Ricardo, de 11 anos, gostava de uma menina da escola que se chamava Tuane. Como não havia planejado a gravidez, a mãe deixou que João Ricardo escolhesse o nome de João Paulo e da irmã Tuane (6 anos). João Paulo foi escolhido em homenagem ao Papa João Paulo II.

Sophia Augusta (2 anos) A mãe (Débora) escolheu o primeiro nome, Sophia, e acrescentou o segundo, Augusta, em homenagem à avó da menina. O *ph* seria para acompanhar o nome do pai, Ralph, que foi escolhido pelo avô de Sophia como uma homenagem a um grande amigo.

6. *Considerações finais*

Apesar de a pesquisa demonstrar uma grande mudança na escolha de nomes próprios/prenomes desde a primeira coleta de dados iniciada em 2000, quando as criações de nomes próprios ou neologismos antropônimos envolviam um conjunto maior de nomes compostos por aglutinação e por justaposição, resultado da junção de nomes de familiares próximos, ainda assim é possível afirmar que a afetividade está presente na maior parte dos processos e decisões de escolha destes antropônimos.

A nova pesquisa também apontou para dois caminhos que estão sendo marcados paralelamente: o primeiro evidencia a mudança do paradigma de construção de neologismos referenciados, mesmo que inconscientemente, na estrutura de formação de palavras da língua portuguesa para uma criação linguística supostamente influenciada pela língua inglesa; o segundo aponta para uma tendência a adotar as formas e padrões da norma culta da língua portuguesa para escolher nomes considerados não só tradicionais, mas com características que os inclui em camadas sociais consideradas mais elevadas.

Além da coleta de informações, durante a entrevista foi proposto um jogo com os entrevistados. A ideia inicial era utilizar um “Jogo de Formação de Palavras” como mais um instrumento de pesquisa. Na realização do jogo foram oferecidos aos entrevistados elementos formadores de palavras (elementos mórficos) como radicais, prefixos e sufixos. O objetivo do jogo é permitir que sejam observadas construções de palavras

de acordo com a criatividade e conhecimento, ou desconhecimento, prévio do jogador sobre o processo de formação de palavras na língua portuguesa. O resultado deste experimento abriu mais alguns caminhos e será mostrado em uma nova oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- AZEREDO, J. C. de. *Iniciação a sintaxe do português*. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Portugal: Caminho, 1994.
- KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LEVITT, S.; STEPHEN, J. D. *Freakonomiks: O lado oculto de tudo o que nos afeta*. Coletânea de Estudos. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.
- LOURES, L. H. *Cursos morfológicos com função expressiva em português e francês*. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- NOCENTINI, A. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Mondadori Educatio, 2010.
- PAVEAU, Marie Anne. *As grandes correntes da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Clara Luz, 2006.
- PINKER, S. *Instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- RIBEIRO, M. P. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 1996.
- TESCH, R. *A criação de nomes próprios no Brasil – o neologismo na antropônimoia*. Rio de Janeiro: Livre Expressão. 2010.